Mulheres no mercado de trabalho paulista: maior inserção ou maior permanência? Evidências de Araraquara e São Carlos (2025)

Camila Vitória de Toledo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar a participação das mulheres no mercado de trabalho nos municípios de Araraquara e São Carlos, cidades do interior do Estado de São Paulo, uma vez que essas cidades são referências na Região Administrativa Central do Estado e alvos de pesquisa de um grupo de estudos de uma universidade local. A hipótese é a de que, assim como no mercado de trabalho nacional, as mulheres têm menor participação, porém maior resiliência na manutenção dos postos de trabalho. A metodologia do trabalho foi o levantamento de dados dos saldos (admissões - desligamentos) de postos de trabalho obtidos a partir do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho (CAGED) durante o ano de 2025.

DESENVOLVIMENTO

Os resultados revelaram uma significativa participação feminina no saldo de empregos formais, indicando uma ampliação da inserção das mulheres no mercado de trabalho. Dados do Novo CAGED mostraram que no Brasil, as mulheres responderam por 56,38% do saldo de empregos formais (admissão - desligamentos) em 2025, enquanto dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) apontam um crescimento expressivo da participação feminina no emprego formal nos últimos anos, com um aumento de 82% de 2006 para 2024 do número total.

No recorte local, os dados de São Carlos e Araraquara revelaram que mesmo com a ampliação da participação feminina, ainda há diferentes padrões de rotatividade. Em São Carlos, em 2025, dos 1.863 postos gerados, 74,93% foram ocupados por mulheres, com destaque para a Indústria, responsável por 1.161 vínculos, sendo 60,98% femininos, indicando uma atuação expressiva das mulheres em um setor com predominância masculina observada nacionalmente. Ainda assim, os homens apresentam maior volume de admissões, mas também maior número de desligamentos, sugerindo maior rotatividade, enquanto as mulheres contribuem de forma mais estável para o saldo positivo. Em Araraquara, o saldo total em 2025 foi de 323 vínculos, sendo 645 ocupados por mulheres, enquanto os homens encerraram com saldo negativo. O município, apesar de apresentar maior fluxo masculino, demonstrou maior atuação feminina no saldo final, embora sem um padrão setorial tão definido quanto São Carlos.

CONCLUSÃO

Os resultados observados confirmam parcialmente a hipótese proposta: embora a participação feminina no mercado de trabalho tenha sido ampliada, ela ainda ocorre em condições desiguais, ao passo que sua maior presença no saldo está associada a uma menor rotatividade e maior permanência. Conforme Filho (2012), a rotatividade tende a ser maior para os homens, reforçando a interpretação de que as mulheres apresentam maior estabilidade nos vínculos formais. No entanto, esse avanço não resulta na igualdade das condições de entrada no mercado de trabalho: de acordo com Olivera, Vieira, Baeta (2021), a participação feminina ainda é caracterizada por salários menores e condições de trabalho mais precárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério do Trabalho. Novo CAGED: dados de emprego formal, 2025.

BRASIL. Ministério do Trabalho. RAIS: Relação Anual de Informações Sociais. 2006 - 2024.

FILHO, L. A. S. Rotatividade no Mercado de Trabalho Formal Brasileio. **Anais do V Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población**, Montevideo, Uruguay. 2012.

OLIVERA, M; VIEIRA, C; BAETA, F. Mulheres no mercado de trabalho brasileiro: uma análise das segregações e discriminações a partir da economia feminista. **IE-UFRJ DISCUSSION PAPER**. 2021.